

Aspectos históricos do jornal *Correio do Estado*

SCWHENGBER, Isabela de Fátima, mestre em História pela UFMS, jornalista graduada pela UFSC. UEMS, unidade de Dourados (MS). belamidia@hotmail.com. Grupo temático “História da Mídia Impressa”.

O jornal *Correio do Estado* é integrante do grupo de comunicação de mesmo nome, que controla boa parte da informação veiculada em Campo Grande. O grupo é proprietário da Rádio Cultura AM e da Rede Centro Oeste de Rádio e Televisão: Rádio Canarinho FM e TV Campo Grande (repetidora do SBT), além de uma produtora de vídeo e uma fundação denominada Barbosa Rodrigues¹. Além desses veículos, já foram de sua propriedade a TV Guanandi (filial à Rede Bandeirantes, vendida no final de 2000), a TV Dourados (repetidora do SBT, no município de Dourados, vendida no final de 2000), e o jornal *Diário da Serra*, extinto no segundo semestre de 1998.

O grupo *Correio do Estado* é de propriedade da família Rodrigues, administrado até 2003 por José Barbosa Rodrigues, e desde então por Antônio João Hugo Rodrigues (que passou a administrar as empresas desde o falecimento do pai) e por Éster Figueiredo Gameiro², que possui uma cota de participação da empresa por ter sido casada com Antônio João.

Desde sua fundação, em 07 de fevereiro de 1954, a linha editorial do *Correio do Estado* prioriza a política. Inclusive sua origem está relacionada a ela: o jornal foi lançado por um grupo do então sul de Mato Grosso, ligado à UDN, com o objetivo de disseminar as idéias do partido (até 1977 a área que hoje é Mato Grosso do Sul pertencia a Mato Grosso). Seus mentores foram Fernando Corrêa da Costa (na época governador), José Manuel Fontanillas Fragelli (o primeiro diretor-presidente do periódico, atualmente ex-senador, ex-deputado e ex-governador) e José Inácio da Costa Moraes (principal acionista do referido veículo de comunicação). O periódico nasceu com mais de duas mil edições diárias vespertinas, tablóide, com oito páginas, no ano em que Campo Grande contava com 50 mil habitantes.

Também participavam do jornal outros políticos, empresários e profissionais liberais ligados à UDN, entre eles Vespasiano Martins (ex-prefeito de Campo Grande e ex-senador),

¹ A Fundação foi criada em 1982 e sempre foi mantida administrativamente pelo grupo *Correio do Estado*. Desde lá, vem desenvolvendo projetos voltados para a área social e para o resgate da memória histórica e documental de Mato Grosso do Sul, em parceria com instituições públicas e privadas.

² Éster Figueiredo Gameiro entrou no *Correio do Estado* em 1969 para editar o Suplemento Feminino, extinto um ano depois.

Laucídio Coelho (ex-senador), Laudelino Barcelos e Wilson Barbosa Martins (ex-prefeito de Campo Grande e ex-governador) (CE, 07 fev. 2004).

Os primeiros anos do *Correio do Estado* coincidem com um período marcado na imprensa brasileira pela paixão política. Segundo Abreu (2002, p. 09-12), o debate político conduzido pelos partidos de maior penetração nacional – de um lado o PSD e PTB; de outro, a UDN – dominou o espaço de todos os jornais de grande circulação do período. No antigo sul de Mato Grosso, essa realidade se repetiu e teve como maiores expressões os jornais *O Progresso* (PSD), no município de Dourados, e o *Correio do Estado* (UDN), em Campo Grande.

Os três partidos políticos foram fundados em 1945 com a finalidade de participarem do processo democrático que se apontava devido ao desgaste do regime autoritário do Estado Novo. Como os demais em funcionamento no país, foram extintos em 27 de outubro de 1965, pelo Ato Institucional nº. 2, no regime militar. O PSD foi criado pelos interventores nomeados por Getúlio Vargas durante o seu governo e congregava tanto grandes proprietários rurais e integrantes da burguesia urbana, como industriais, comerciantes e banqueiros. A UDN foi fundada por lideranças alijadas do poder no período estadonovista, reunindo principalmente grandes proprietários rurais e tornando-se a principal agremiação de direita do país, com idéias conservadoras, defensoras do liberalismo tradicional. O PTB foi criado por estímulo de Getúlio Vargas, tinha como base os sindicatos controlados pelo governo e uma atuação de cunho populista, porém manteve-se em várias posições ambíguas: ao mesmo tempo em que avançava em proposta da esquerda para a classe operária, era contido por lideranças liberais.

O PSD foi majoritário na Câmara dos Deputados durante toda a sua história, elegeu dois presidentes da República (Eurico Gaspar Dutra em 1945 e Juscelino Kubitschek em 1955) e contribuiu decisivamente para a eleição de Getúlio Vargas (PTB), em 1950. Na política nacional, seu aliado mais constante foi o PTB, embora tenha realizado inúmeras alianças também com a UDN, considerada sua tradicional "adversária".

Em Mato Grosso, o partido forte na Assembléia Legislativa foi a UDN. Já o Executivo teve representação igual entre a UDN e o PSD, que se alternaram nos governos. A UDN mato-grossense assumiu posição de destaque após 1964, dentro do governo militar, já que foi um dos grandes apoiadores do golpe.

Nos anos 50 cada partido tinha seus instrumentos de divulgação para propagar suas idéias e seus instrumentos de ação. O *Correio do Estado*, portanto, representou uma grande força política para a UDN estadual, que tinha muitos partidários em Campo Grande. O ex-

governador Wilson Barbosa Martins afirmou que “[...] a intenção [do grupo que criou o Correio do Estado] era fazer proselitismo político e contrapor ao jornal ‘O Matogrossense’, dirigido pelo PSD” (CE, 07 fev. 2004).

Aliás, quando criado, este jornal não escondeu suas intenções e anunciou que era produto e esforço das contribuições espontâneas de políticos e de militantes da UDN. Sua função era defender bandeiras políticas, mas também anunciava que não seria um órgão estritamente partidário, mas que lutaria pelas causas de interesse social.

O editorial da edição inaugural dizia: “O Correio do Estado quer também fazer eco das reivindicações populares, das nossas classes trabalhadoras, médias e classes produtoras [...]” (CE, 07 fev. 2004), mostrando o interesse do jornal em se tornar porta-voz das reivindicações da população daquele que já era, então, o mais importante município do sul de Mato Grosso. O periódico sempre encampou lutas, como na década de 1960 pela implantação de infraestrutura energética no sul de Mato Grosso; na de 1970 pela separação de Mato Grosso em duas unidades da federação, fato que resultou na criação de Mato Grosso do Sul e na oficialização do poder de muitos políticos do sul.

De acordo com a direção do periódico, ele “[...] só foi jornal político na época de sua fundação, nos idos de 1954, porque, naquela época, os jornais nasciam assim: para servir os interesses desta ou daquela agremiação” (CE, 07 fev. 2004). Na verdade, o *Correio do Estado* só demonstrou, explicitamente, vinculação partidária enquanto serviu aos interesses da UDN. Depois que passou para a propriedade de José Barbosa Rodrigues, o periódico não abandonou seu caráter conservador de direita, mas começou a se tornar um pouco mais profissional e acompanhar as mudanças tecnológicas e de conteúdo que ocorreram na imprensa nacional.

Mas foi também na década de 1950 que a imprensa brasileira começou a substituir o jornalismo de influência francesa – que era baseado em textos com posturas combativas, de crítica e de opinião – pelo modelo norte-americano, que separa o comentário pessoal da transmissão objetiva e impessoal da informação (ABREU, 1996, p. 15).

Essas transformações também foram registradas no jornal sul-mato-grossense *Correio do Estado*. Porém, ao estudarmos a trajetória desse periódico, percebemos que as vinculações políticas, partidárias e ideológicas não foram abandonadas: apenas passaram a se mostrar menos explícitas, mas não menos comprometidas.

O *Correio do Estado* permaneceu por pouco tempo sob propriedade do grupo que o formou. Após a eleição para o segundo mandato de Fernando Corrêa da Costa para

governador, em 1960, este político e os deputados e partidários da UDN responsáveis pela sustentação econômica do jornal deixaram de financiá-lo.

A participação de José Barbosa Rodrigues (de agora em diante José Barbosa) no *Correio do Estado* data de 1957, quando foi contratado para substituir o editor Arani Souto, que era proveniente do Paraná e foi desligado da empresa sob a alegação de não conhecer nada da cidade, seus costumes, sua história ou seu vocabulário. José Barbosa era redator com passagem pelo *Jornal do Comércio*, a mais importante publicação diária do sul de Mato Grosso, na década de 1950.

Quando o grupo político desistiu do *Correio do Estado*, José Barbosa, então gerente, decidiu continuar editando-o ao lado do ainda acionista José Inácio, que no jornal havia colocado todas as suas economias. Alguns anos depois, José Barbosa adquiriu a parte do jornal que não era sua e tornou-se o único proprietário (CE, 07 fev. 2004).

José Barbosa chegou em Campo Grande em 1943, vindo de Poços de Caldas (MG). Filho de carpinteiro e mãe lavadeira, chegou em Campo Grande já casado com a professora Henedina Hugo Rodrigues e com o primeiro de seus quatro filhos, José Maria. Os outros três nasceram em Campo Grande: Paulo de Tarso, Marcos Fernando e Antônio João.

A intenção inicial era morar em Ponta Porã. Em sua dissertação, Silva (2006) indica a possibilidade de existirem relações entre José Barbosa e políticos interventores do governo do presidente Getúlio Vargas, configurando-se num forte indício de que sua vinda para Ponta Porã poderia ter sido de natureza político-partidária, mas por algum motivo, os planos foram modificados e o casal se fixou em Campo Grande³. Naquela época, essa cidade atravessava um período de expansão econômica crescente, impulsionado pela implantação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Segundo Bittar (1997, p. 151), na década de 1940, Campo Grande possuía uma arrecadação tributária superior à da capital Cuiabá, era a cidade mais populosa do estado e já ocupava a posição de centro político e econômico do sul de Mato Grosso.

Desempregado no início, José Barbosa Rodrigues logo começou a lecionar, mas em pouco tempo foi trabalhar no *Jornal do Comércio*, ocupando a única vaga existente, que era de faxineiro. Ao mesmo tempo começou a publicar artigos para o periódico, o que resultou em um convite para trabalhar na redação e dois anos depois para assumir o cargo de chefia do setor.

³ As suposições de Silva baseiam-se, principalmente, no relato da escritora Maria da Glória Sá Rosa, em sua obra “Deus quer, o homem sonha, a cidade nasce: Campo Grande cem anos de história”, quando esta afirma que José Barbosa chegou ao estado com uma carta ao governador de Ponta Porã, a cujo território se destinava. Como a oposição ao Estado Novo ganhava forças em Minas Gerais, o referido historiador construiu a hipótese de que o jornalista poderia estar enfrentando alguma dificuldade de ordem política em Minas e estava seguindo a Ponta Porã por indicação de simpatizantes do governo getulista.

Naquela época, em todo o país era comum aprender a profissão de jornalista no interior dos jornais. O aspirante a qualquer cargo entrava na empresa com atividades diversas e se revelasse vocação, passava a colaborar nos setores da redação. Geralmente acumulavam várias atribuições, porque os periódicos eram pequenos e não exigiam técnica (ERBOLATO, 2003, p. 17-18). O curso de graduação em jornalismo surgiu no Brasil em 1947, em São Paulo. Em Mato Grosso do Sul, apenas na década de 1980.

Foi no *Jornal do Comércio*, então, que José Barbosa se projetou como jornalista, o que lhe rendeu o convite para trabalhar no *Correio do Estado*, em 1957. O memorialista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHG-MS), Hildebrando Campestrini, lembra os primeiros anos de José Barbosa à frente do *Correio do Estado*, quando

[...] fazia praticamente tudo no jornal: selecionava, escrevia, compunha, revisava, acompanhava a impressão, controlava a circulação, além das compras, funcionários (pouquíssimos). Lembro-me dele (na década de 60) na redação da Rua 14, escondido atrás de pilhas de papel, anotações, recortes de jornal – atento a tudo (CE, 07 fev. 2004).

Quando José Barbosa foi trabalhar no *Correio do Estado*, este era editado apenas por colaboradores ligados aos políticos que o fundaram. Foi depois que assumiu a direção que os primeiros jornalistas foram contratados e os seus filhos foram envolvidos no jornal. José Maria e Marcos Fernando já são falecidos, mas Antônio João e Paulo de Tarso permanecem na empresa. Este último é gerente da gráfica do periódico.

Foi por meio da participação administrativa de Antônio João que o jornal investiu pesado na modernização. O *Correio do Estado* foi pioneiro dentre os periódicos do antigo sul de Mato Grosso e também do já criado Mato Grosso do Sul a implantar algumas tecnologias, a exemplo das máquinas que agilizaram o processo impressão. Em 1999, o periódico era o único do país a imprimir todas as suas páginas coloridas.

O investimento em tecnologia foi uma tendência da grande imprensa brasileira a partir da década de 1950, que o *Correio do Estado* acompanhou. As inovações que se implantavam nos jornais do Rio de Janeiro e São Paulo logo chegavam ao periódico campo-grandense, que sempre teve *O Estado de São Paulo* como seu paradigma.

Sob o comando da família Rodrigues, as pautas do *Correio do Estado* sempre priorizaram os acontecimentos locais, mas sempre os sintonizando com os assuntos de repercussão nacional que recebiam destaque nos grandes jornais, principalmente a economia e a política. Também seguindo uma tendência de boa parte da imprensa na época do golpe de 1964, o periódico campo-grandense foi favorável à instalação do regime militar autoritário.

Aliás, a boa relação de José Barbosa com os militares rendeu a ele, em 1976, a concessão para a criação da Rede Centro-Oeste de Rádio e Televisão, quando o *Correio do Estado* deixou de ser apenas um jornal e passou a ser um grupo.

Na década de 1970, boa parte do país recebeu investimentos do governo em infraestrutura. Foi o período conhecido como “milagre econômico”. Campo Grande foi uma das cidades do centro-oeste brasileiro que mais cresceu no governo militar, fato que repercutiu no crescimento do *Correio do Estado*, afinal, tanto o número de leitores como o de anunciantes aumentou. Naquele período, influenciado pela censura que impedia a publicação de qualquer tema que pudesse representar crítica ao governo, o jornal desenvolveu o hábito de pautar assuntos que levassem ao conhecimento do público as transformações econômicas positivas da região.

Foi naquela década, inclusive, que nasceu no Brasil o jornalismo econômico tal como conhecemos hoje. No regime militar, ele foi um instrumento da política econômica do governo e, para os jornais, era mais conveniente substituir o noticiário político pelo econômico, já que assim corriam menos riscos diante da censura (ABREU, 2002, p. 20-22). Foram naqueles anos, também, que a expansão agrícola começou a se tornar assunto importante para a imprensa sul-mato-grossense. O agronegócio que se fortalecia foi decisivo para que o *Correio do Estado* contratasse um correspondente em Dourados, em 1976, e posteriormente instalasse uma sucursal naquela cidade.

O final dos anos de 1970 também teve outro importante fato que influenciou o jornal a pautar assuntos que ressaltassem a pujança de Campo Grande e do sul de Mato Grosso: a divisão do estado. Essa postura foi a forma encontrada pelo periódico para fazer sua aquela campanha que envolveu os segmentos sociais que buscavam tirar proveitos políticos e econômicos com a montagem do aparelho de estado, liderados pelo influente advogado e pecuarista Paulo Coelho Machado. O interesse do *Correio do Estado* era visível: ele se transformaria no maior veículo de comunicação impresso de Mato Grosso do Sul e estaria totalmente alinhado com o grupo político que sempre dominara na região, o que lhe renderia importantes investimentos governamentais em publicidade.

Após a criação de Mato Grosso do Sul, em 1977, o hábito de divulgar aspectos positivos da economia local permaneceu no *Correio do Estado* e se estendeu para outros aspectos da sociedade. Acreditamos que foi a partir de uma política estabelecida por José Barbosa, pois o jornalista imprimiu essa mesma postura na sua atividade de “pesquisador” da história regional, que resultou na publicação dos livros “Campo Grande, meu amor”, “História de Campo Grande” e “Isto é Mato Grosso do Sul”. Suas obras foram escritas sem o

rigor científico e sem as preocupações metodológicas necessários a um historiador, mas se caracterizaram como textos de natureza memorialística, cujos elementos recuperados do passado foram apenas os bons, os desejados.

José Barbosa integrou a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, o Conselho Estadual de Cultura, o IHG-MS e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB⁴. Suas obras foram escritas em conformidade com as demais produzidas pelos escritores das entidades citadas, que se voltaram a construir uma numerosa historiografia para constituir a memória de Mato Grosso do Sul, assim que ele se tornou uma nova unidade da federação. Inclusive aquela historiografia passou a ser utilizada como referência por diversos formadores de opinião da sociedade, como profissionais das áreas de educação, comunicação e da política, assim como também passou a servir de base para a elaboração de livros didáticos, concursos públicos e como guia para as propagandas privadas e governamentais locais.

Nas páginas do jornal a postura se repetia, inclusive engrandecendo as personalidades envolvidas na luta pela divisão de Mato Grosso e que assumiram o poder no novo estado. Para os memorialistas de Mato Grosso do Sul, o periódico foi um dos responsáveis pela construção da identidade da nova unidade da federação. José Couto Vieira Ponte, da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, afirma que José Barbosa Rodrigues “ajudou a consolidar a identidade sul-mato-grossense, antes inexistente, de direito, e, por outro prisma, apenas esboçada em esparsas pintalgadas aqui e acolá na talagarça de nosso destino” (CE, 07 fev. 2004).

O fim da ditadura, em 1985, foi fator político importante para as escolhas do diário campo-grandense. Se para a imprensa nacional o fim do regime significava liberdade de criticar as iniciativas governamentais, por outro representava menos favores do governo federal, a exemplo de isenções fiscais, publicidades e concessões. Mas a empresa privada que cresceu durante o regime se tornou a outra importante fonte de receita para os meios de comunicação.

O setor privado também priorizou investir nos veículos de comunicação de maior circulação. Em função disso, os jornais brasileiros começaram a se preocupar em se tornar mais atrativos para conquistar um público maior. Uma das formas encontradas foi pautar assuntos que pudessem despertar o interesse do leitor para incentivá-lo a comprar suas

⁴ Sua participação na Academia de Letras foi importante para muitos escritores do Estado, que começaram suas atividades nas páginas do *Correio do Estado*, no Suplemento Literário, criado em 1972, dirigido pela Academia e que circulava aos sábados (CE, 07 fev. 2004).

edições. A imprensa passou então a se adequar como um “produto” e o público consumidor leitor, ouvinte ou telespectador como “cliente” (ABREU, 2002, p. 28-29).

No caso do *Correio do Estado*, que tem como público principal a população da capital, os assuntos referentes à política estadual passaram a ser a sua prioridade, seguidos por temas do cotidiano e do agronegócio. Outro fator que o periódico encontrou para se tornar mais atraente para o leitor foi a reforma gráfica, por meio da qual passou a imprimir todas as suas páginas em cores. O fato de ser colorido também passou a atrair mais publicidade, que se tornou 30% mais cara. Essa modernização foi necessária à imprensa de todo o país para criar o seu auto-sustento e caracterizou uma nova fase do jornalismo, em que o marketing tornou-se fundamental: o jornal, agora, se caracterizava como uma mercadoria que discursava sobre outras mercadorias.

Abreu entrevistou vários jovens jornalistas brasileiros que chamaram a atenção para o fato de que, sem o marketing, sem a preocupação comercial e sem a participação de todos na venda, o jornal desaparecerá:

Alguns consideram que fazer um bom jornal que não vende, ou porque a empresa e os jornalistas não têm a visão adequada de seu público, ou porque não se preocupam com a gestão administrativa, significa uma incapacidade de acompanhar as mudanças. Ficar de costas para o mercado significaria, no fim das contas, a morte do jornal e do próprio jornalismo (ABREU, 2002, p. 32).

Nesse aspecto, o *Correio do Estado* foi privilegiado em Mato Grosso do Sul por estar sediado na cidade onde está localizado o comércio de maior expressão do estado. A iniciativa privada representa a maior parte dos anunciantes – uma média de 80%. Eventualmente, a empresa passa por fases em que esse setor representa 100% da publicidade. O usual, porém, é o setor público ter participação de 15 a 20% na receita publicitária do periódico.

Segundo o departamento comercial, o jornal circula em 58 municípios do estado e sua tiragem é de aproximadamente 20 mil exemplares diários. Sua venda se faz 48% nas bancas e 52% por assinatura. Porém, a venda avulsa consegue superar a assinatura nos dias em que a manchete principal é de grande impacto na população.

O *Correio do Estado* possui uma estrutura e funcionamento de um grande jornal: conta com mais de 100 funcionários e correspondentes em Brasília (DF), quando apenas os periódicos de referência nacional contam com jornalistas na capital brasileira. Além da sucursal em Dourados, também conta com correspondentes nos municípios de Ponta Porã, Naviraí, Três Lagoas, Aquidauana e Corumbá.

Seu formato é *standart* (48 cm X 76 cm) e impresso com uma média de 24 páginas e três cadernos: A (opinião, geral, política, economia, política), B (cultura), C (classificados), além do suplemento Rural, que é semanal. É o periódico que registra a maior circulação no estado dentre os demais existentes.

Um importante fator a comentar sobre o *Correio do Estado* é o hábito dele anunciar sobre si mesmo, em suas páginas, como um jornal com independência editorial. O periódico afirma que nenhum anunciante, nenhuma empresa, nenhuma consideração de ordem comercial interfere em suas notícias, artigos, colunas, ensaios, charges e fotos que o jornal publica: “O jornal faz questão de veicular as idéias de todas as correntes de opinião que existem na sociedade” (*CE*, 07 fev. 2004). Em entrevista concedida em 2004, o editorialista Dante Filho disse que esta afirmação tem origem no fato do jornal ser sustentado pelos anúncios da iniciativa privada e não depender da publicidade estatal.

Percebemos que a vinculação política do *Correio do Estado* sempre foi demonstrada em suas páginas, apesar do jornal afirmar sobre si mesmo que só manteve essa postura quando foi criado e que nos anos de 1990 já havia alcançado a sua independência editorial:

(...) tanto é que nós temos, assim, cada vez mais uma certa independência editorial. Eu estou fazendo aqui, no caso, especificamente no editorial, uma crítica ao governador. Não tem uma determinação ‘não, vamos só falar bem’. A gente conclui em função do assunto. [...] Está mais arejado, cada vez mais. Mudou muito esse jornal. [No editorial] raramente há uma orientação no sentido de poupar alguém ou não criticar determinado assunto ou deixar de comentar determinando assunto (Dante Filho, 07 dez. 2004).

O trecho supracitado da entrevista com o editor do *Correio do Estado* chama a atenção para um suposto distanciamento partidário e ideológico do jornal, que o diferencia daquele período anterior, de instrumento direto de combate. Mas identificamos um episódio que contradiz a auto-afirmação sobre a existência de independência editorial: como exemplo, usaremos a diferença de tratamento dispensado ao Wilson Barbosa Martins e Zeca do PT, os dois governadores que exerceram mandatos no período de 1995-1998 e 1999-2005, respectivamente.

Wilson, político antigo e de família tradicional e conservadora de Mato Grosso do Sul, além de ser um dos ex-udenistas fundadores do *Correio do Estado*, sempre se mostrou alinhado ideologicamente a José Barbosa: um exemplo foi a luta comum pela divisão do Estado, na década de 1970. Zeca, ao contrário, era sindicalista, surgira há pouco na política estadual, tomou posse representando as diversas esquerdas e fazendo oposição à classe

política de direita que até então esteve no poder, apesar de ter contado com o apoio de alguns daqueles grupos em sua campanha.

No governo de Wilson, este dispensou grandes verbas publicitárias na imprensa já consolidada; Zeca, ao contrário, logo que assumiu procurou criar espaços próprios para divulgação de seu mandato na capital, apoiando financeiramente o lançamento de um novo diário em Campo Grande, a *Folha do Povo*, que se propôs a concorrer com o *Correio do Estado*, que até então não tinha concorrência naquela cidade⁵.

Não identificamos fatos noticiados no jornal que fizeram referência negativa ao mandato de Wilson. Já as relacionadas ao Zeca do PT, em 1999 e em 2000, o *Correio do Estado* priorizou divulgar dados que demonstravam as fragilidades da administração estadual, como a contratação de parentes do governador, o déficit nas finanças públicas e o atraso do pagamento aos servidores. Também foram alvo de crítica o projeto de Zeca em mudar o nome do Estado para Pantanal e os desentendimentos do governador com outros políticos, notícias que criaram uma imagem de um governante agressivo.

Vamos expor resumidamente alguns fatos ocorridos em 2000 para demonstrar como foi a relação do Zeca do PT com o *Correio do Estado*, começando pela primeira manifestação do governador às críticas que vinha recebendo da imprensa. Em maio ele afirmou que “[...] os jornais de Campo Grande fazem muito fuxico. São jornalecos. Por que não tiveram o mesmo comportamento nos Governos anteriores?” (CE, 24 set. 2000). O *Correio do Estado* não publicou nenhuma resposta, apenas permaneceu pautando assuntos que destacavam os aspectos negativos da administração petista.

Em setembro daquele ano, mês que antecedeu o primeiro turno das eleições municipais, as ofensas entre Zeca e o *Correio do Estado* recrudesceram. Em solenidade pública, o governador chamou aquele periódico de mentiroso, afirmou que estava sendo vítima de chantagem por parte do diretor Antônio João e que fecharia o jornal. O empresário respondeu em uma nota dizendo que fazia um ano que não se encontrava com o governador e considerou as acusações do chefe do Executivo como falsas e de caráter eleitoral.

Em 24 de setembro, o *Correio do Estado* publicou uma notícia referindo-se a uma caminhada de campanha eleitoral ocorrida no dia anterior, quando o governador teria usado um adesivo no peito onde estava escrito: “Correio do Estado Mentira”. A matéria também comentou que no evento Zeca teria defendido o jornal *Folha do Povo* e afirmado que

⁵ Como o outro periódico que circulava em Campo Grande até a metade de 1998 era do grupo Correio do Estado, consideramos que este o jornal não tinha, de fato, concorrência na capital. Na verdade, ele continuou liderando, pois a *Folha do Povo* não chegou a alcançar o número de leitores igual ao seu e logo foi preterido pelo governo do Estado, entrando em decadência.

ordenaria ao secretário de Fazenda do Estado, Paulo Bernardo, que fizesse uma devassa no *Correio do Estado* para saber se os impostos estavam sendo pagos corretamente.

Aquele pronunciamento foi a oportunidade para o jornal responder com uma matéria de uma página ironizando o “comportamento agressivo e o linguajar destemperado do governador” a partir de análises de psiquiatras e psicanalistas, cujas identidades foram preservadas. O diagnóstico era de que Zeca do PT sofria de disforia, “[...] um comportamento contrário à euforia, demonstrado por meio da alteração crônica de humor devido ao estresse” (CE, 24 set. 2000).

A matéria dizia ainda que a conclusão daqueles profissionais da saúde era de que o comportamento agressivo do governador nada mais era do que “processo de infantilização do indivíduo para chamar a atenção” e que

‘O problema todo é que ele foi eleito por pessoas das quais não gosta. Então, ele vive um eterno dilema: não consegue se identificar com alguns grupos sociais à direita que lhe deram apoio, pois se isso ocorrer ele se descaracteriza. Ao mesmo tempo, ele sabe que sem esse apoio não governa. Daí nasce uma crise de identidade e, em consequência, a depressão e a agressividade’, comenta o profissional (CE, 24 set. 2000).

E o jornal também emitiu o seu juízo, afirmando que o comportamento de Zeca era encarado de maneira folclórica pela população sul-mato-grossense. A resposta do governador veio com um processo contra o jornal por calúnia e difamação, fato que não interferiu na postura do *Correio do Estado*. Essa somente se alterou quando Zeca do PT se aproximou dos grupos de direita aos quais o *Correio do Estado* sempre esteve vinculado e quando acordos financeiros foram firmados entre o governo e o jornal.

Explicando melhor: a eleição de Zeca em 1998 construiu um marco divisório na política sul-mato-grossense, que até então fora liderada por grupos conservadores representantes dos ruralistas. A vitória de um governador de esquerda ao mesmo tempo em que foi inesperada – as bases ainda eram fracas, o número de prefeituras comandadas pelo partido eram pouquíssimas – representou a insatisfação de diversos segmentos da sociedade que lutavam por mudança, a exemplo dos movimentos sociais que foram fundamentais para levar Zeca ao poder.

Este iniciou sua administração, então, preso às forças sociais que o elegeram e procurou representar os interesses daquelas classes. Porém, nos dois últimos anos de seu mandato, em nome da governabilidade, Zeca foi aos poucos assumindo compromissos e se vinculando a parlamentares tradicionais que sempre comandaram a política estadual. Tais alianças se justificavam pela necessidade de conduzir propostas governamentais para que elas

não fossem bloqueadas pelos opositores ao PT, já que os grupos sociais representados pelos partidos de direita ainda permaneciam com forte poder de influência na sociedade sul-mato-grossense.

Isso explica a postura do *Correio do Estado* com o governo petista: nos dois primeiros anos, a relação foi conflituosa; nos dois últimos, de apoio, já que o governador se aproximou do grupo ao qual o jornal sempre pertenceu. Nos dois primeiros anos do mandato de Zeca, os embates verbais foram fortes; já em 2002, a aproximação do governador com o periódico era tanta que o empresário Antônio João se candidatou para suplente do senador eleito Delcídio do Amaral (PT). Naquelas eleições, Zeca se candidatou à reeleição e recebeu todo o apoio do *Correio do Estado* no que diz respeito à publicação de fatos positivos de seu mandato.

O episódio Zeca do PT revela, por um lado, a representação da imparcialidade da imprensa e os seus vínculos econômicos com o poder público e, por outro lado, a capacidade do *status quo* em manter seu predomínio político e seus privilégios, já que fica claro, no caso, a invasão que os interesses privados exercem sobre a esfera pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PERIÓDICOS CONSULTADOS

Jornal Correio do Estado (Campo Grande, MS). 24 mar 2000; 07 de fev 2004.

ENTREVISTAS

Dante Teixeira de Godoy Filho. Campo Grande, 09 de dezembro de 2004.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Alzira Alves de (org.). **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro, FGV, 1996.

_____. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro, Zahar, 2002. (Coleção Descobrimo o Brasil).

BITTAR, Marisa. **Mato Grosso do Sul: do Estado sonhado ao Estado construído (1892-1997)**. 1997. 2º v. Tese (Doutorado em História) – FFLCH/USP, São Paulo.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. 5ª ed. Ática, São Paulo, 2003.

SILVA, Ricardo Souza da. **Mato Grosso do Sul: labirintos da memória**. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - UFMS. Dourados.